

HISTÓRIA DE VIDA: UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

(LIFE HISTORY: A METHODOLOGICAL STRATEGY FOR YOUNG PEOPLE IN SITUATIONS OF VULNERABILITY)

Josiane do Nascimento da Silva¹
Francisco Jairo de Oliveira Barros²
Keila Andrade Haiashida³

RESUMO

Um dos desafios do ensino é que muitas vezes o conteúdo abordado em sala de aula está desconectado do contexto no qual os alunos estão inseridos. Conhecemos pouco nossos escolares e seus espaços de aprendizagem. Desse modo, este artigo objetiva apresentar a história de vida como estratégia metodológica para jovens em situação de vulnerabilidade. A pesquisa é do tipo bibliográfica com abordagem qualitativa. Apresentamos uma proposta metodológica em quatro etapas: linha do tempo, fotobiografia, história de vida-narrativa e representação artística. São atividades interativas, que se inserem na proposta das metodologias ativas. Os autores que nos subsidiaram foram: Carmo e Guizardi (2018), Cançado, Souza e Cardoso (2014), Ramos (2021), Josso (1999), Spindola e Santos (2003), Silva et. al. (2007), Nogueira et. al. (2017), dentre outros. Os achados indicam que a história de vida possibilita ao mediador conhecer melhor o aprendiz e seus contextos de aprendizagem. Por intermédio dessas experiências é possível colocar esses jovens como sujeitos conhecedores de suas próprias histórias, que podem identificar caminhos para seu desenvolvimento pessoal e escolar, além de possibilitar a contextualização de conteúdos formais e não formais por intermédio de situações reais, evitando a artificialidade do ensino.

Palavras-chave: História de vida. Vulnerabilidade. Estratégia metodológica.

ABSTRACT

One of the challenges of teaching is that often the content addressed in the classroom is disconnected from the context in which students are inserted. We know little about our students and their learning spaces. Thus, this article aims to present life history as a methodological

¹ Mestranda do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Formada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, acadêmica de Pedagogia pela mesma instituição. Pesquisa o desenvolvimento de competências socioemocionais nas séries iniciais do Ensino Fundamental por meio da Leitura Literária. E-mail: josiane.silva@aluno.uece.br.

² Mestrando do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL). da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Unidade acadêmica da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Letras/ Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pesquisa o Letramento Acadêmico e o desenvolvimento da competência leitora na FECLESC/UECE através do Clube de Leitura. E-mail: jairo.barros@aluno.uece.br.

³ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta da UECE. Professora permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da UECE. E-mail: keila.haiashida@uece.br.

strategy for young people in situations of vulnerability. The research is of the bibliographic type with a qualitative approach. We present a methodological proposal in four stages: timeline, photobiography, life-narrative history and artistic representation. They are interactive activities, which are part of the proposal of active methodologies. The authors who supported us were: Carmo and Guizardi (2018), Cançado, Souza and Cardoso (2014), Ramos (2021), Josso (1999), Spindola and Santos (2003), Silva et. al. (2007), Nogueira et. al. (2017), among others. The findings indicate that the life history allows the mediator to better know the learner and their learning contexts. Through these experiences it is possible to place these young people as subjects who know their own stories, which can identify paths for their personal and school development, besides enabling the contextualization of formal and non-formal contents through real situations, avoiding the artificiality of teaching

Keywords: Life story. Vulnerability. Methodological strategy.

1 INTRODUÇÃO

Em função dos inúmeros desafios que as instituições de ensino enfrentam cotidianamente e ficaram ainda mais explícitos nesse período de atuação remota, esse artigo objetiva discutir e apresentar uma proposta metodológica para jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Vulnerabilidade social é um conceito que envolve inúmeras dimensões, que se referem às condições de indivíduos ou grupos em situação de fragilidade, que os tornam expostos a riscos e a níveis significativos de desagregação social. Relaciona-se ao resultado de qualquer processo acentuado de exclusão, discriminação ou enfraquecimento de indivíduos ou grupos por inúmeros fatores.

Conforme apresentado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), vulnerabilidade social conceitua-se de forma nociva aos “indivíduos ou grupos” pois lhes impossibilita o acesso às esferas (serviços públicos, moradia, alimentação, saneamento básico) que compõem uma nação.

Essas impossibilidades de acesso a tais esferas se tornaram nos últimos tempos mais desafiadoras, principalmente no atual cenário decorrente da COVID-19. As desigualdades sociais se tornaram mais explícitas. Vimos pessoas perdendo seus empregos, outras impedidas de trabalhar (autônomos), acarretando para a população maiores dificuldades financeiras, trazendo impactos também ao contexto familiar.

No âmbito educacional os impactos também foram grandes. Crianças, jovens, adolescente e adultos tiveram que se adaptar a novas condições de aprendizagem. Estudantes dos mais distintos níveis tiveram que se adaptar aos meios remotos para darem continuidade aos seus estudos: dividir um mesmo aparelho telefônico para assistir as aulas, usar dados móveis, ir para a casa de vizinhos para utilizar *Wi-Fi*, além de, em muitas situações, não ter um ambiente de estudos apropriado, com iluminação e silêncio, por exemplo, e muitas vezes tendo ainda que estudar conteúdos que não dialogam com suas realidades.

Pensando nisso questionamos: de que maneira podemos relacionar os componentes curriculares com os contextos de aprendizagem dos alunos? Suas histórias de vida podem ser um meio para conhecê-los melhor?

Para responder a essa problemática desenvolvemos essa pesquisa que é do tipo bibliográfica com abordagem qualitativa, na qual apresentamos uma proposta metodológica tendo a História de Vida dos jovens como mote principal. Nossa proposta se divide em quatro etapas: linha do tempo, fotobiografia, história de vida- narrativa e representação artística. São atividades interativas, que se inserem na proposta das metodologias ativas.

O artigo está dividido nas seguintes seções: *Vulnerabilidade Social e Aprendizagem*, no qual conceituamos o termo e discutimos os impactos provocados pela pandemia de COVID-19. Aqui nos fundamentamos em Cançado, Souza e Cardoso (2014) e Ramos (2021).

A segunda seção denominamos *História de vida: uma possibilidade metodológica*, onde discorremos sobre história de vida enquanto metodologia. Salientamos que muitos jovens são silenciados pela cor da pele, pela religião que professam, por questões de gênero ou por viver à margem, esquecidos, como se não tivessem nada a contar, nada com o que contribuir. Destacamos que assim é a vida de muitos jovens que vivem em situações de vulnerabilidade. Jovens muitas vezes esquecidos por um sistema falho e negligente, e acrescentamos que por meio da história de vida é possível colocar esses jovens em situações de vulnerabilidade como sujeitos conhecedores de suas próprias histórias, além de possibilitar a contextualização de conteúdos formais e não formais por intermédio de situações reais, evitando a artificialidade do ensino. Aqui nos fundamentamos em Josso (1999), Gil (2010), Spindola e Santos (2003), Silva et al (2007).

Ainda nessa seção criamos um tópico que intitulamos: *Queremos te ouvir: história de vida como proposta didática*. Aqui apresentamos nossa estratégia metodológica que, conforme dito, dividimos em quatro etapas. A primeira é a Linha do Tempo, onde os jovens devem contar

os acontecimentos mais marcantes de suas vidas. A segunda etapa é a construção de uma *Fotobiografia* onde, a partir dos acontecimentos da linha do tempo o aluno escolherá no mínimo cinco para representar por meio de fotografias. Seguindo, propomos um momento que denominamos *História de minha vida narrativa*, no qual é solicitado aos jovens que eles narrem suas vidas pontuando acontecimentos que mais lhes marcaram positiva ou negativamente, com destaque para contextos de aprendizagem, professores mais marcantes, metodologias de ensino ou estratégias que facilitaram o aprendizado.

Por fim, sugerimos o momento de culminância que intitulamos *Representação Artística*. Esse último momento será em grupos e poderá ser por intermédio de várias linguagens: desenho, poesia, monólogo, paródia, cordel, dramatização. A escolha é livre.

Cada uma dessas etapas está detalhadamente descrita na seção. Aqui nos fundamentamos em: Goldberg e Bezerra (2012), Bruno (2009), Medeiros e Leandro (2013), Küller e Rodrigo (2012).

2 METODOLOGIA

Para essa pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa que, conforme pressupõe Gil (2010) responde a questões particulares, sua preocupação está nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Fizemos uma revisão de literatura concernente a vulnerabilidade social e história de vida, nos subsidiando em: Carmo e Guizardi (2018), Cançado, Souza e Cardoso (2014), Ramos (2021), Josso (1999), Spindola e Santos (2003), Silva et al (2007), dentre outros.

Utilizamos ainda a história de vida como estratégia metodológica para utilizar com jovens em situação de vulnerabilidade. Toledo e Gonzaga (2011) destacam que história de vida (ou anamnese) aborda de modo detalhado a história de um indivíduo, grupo ou organização desde a origem até o tempo presente. É um tipo de entrevista que induz à liberação de pensamentos reprimidos que podem chegar ao entrevistador em tom de confiança.

A esse respeito Nogueira et al (2017) elucidam que, em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, que podem ou não ser gravadas, o relato da história de vida de alguém, no nosso caso, a proposta é ouvir jovens em situações de vulnerabilidade por meio de uma proposta metodológica a qual apresentaremos na sequência.

3 VULNERABILIDADE SOCIAL E APRENDIZAGEM

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), conceituam vulnerabilidade social de forma nociva aos “indivíduos ou grupos” que não são prolíferos impossibilitando-os o acesso às esferas que compõem uma nação (2002, p. 13).

A concepção de vulnerabilidade denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos. Não obstante as críticas em torno de sua indefinição conceitual, bastante amalgamada à noção de risco, a adoção de tal categoria, ao mesmo tempo em que buscou definir o objeto próprio e específico da assistência social, se contrapondo ao esvaziamento teórico-metodológico de suas entregas, aproximou-se de uma solução terminológica típica de correntes neoliberais e orientações de organismos internacionais. O que imprimiu nas ações da política um pressuposto ético-político individualizante, de focalização na parcela mais pauperizada da população. (CARMO; GUIZARDI, 2018, p. 2) .

Diante do exposto, a humanidade fragiliza-se com a concentração de poder e recursos em países capitalistas, onde a classe menos privilegiada sobrevive com pouco e com as dificuldades que durante o percurso da vida vão surgindo. Portanto é dura a realidade de quem reside no sertão, na periferia e no interior do Brasil, com a centralização de recursos na mão de poucos brasileiros essas tomadas de decisões, reverberam em quem está enfrentando dificuldades como desemprego, multiemprego, precarização das relações, ou seja todos que estão à margem da sociedade, expostos a riscos.

No tocante ao atual contexto de pandemia de COVID-19, a desigualdade social no Brasil ficou mais explícita, o que despertou a atenção do poder público, dos empresários entre outros. Alguns casos foram descritos em matérias de jornais, revistas e redes sociais: pessoas perdendo emprego, outras por consequência do vírus foram impedidas de atuar no trabalho autônomo, com isso a população passou a ter maior dificuldade financeira, o que impactou no contexto familiar. Testemunhamos perdas significativas, entre elas estão: queda no padrão de alimentação, custos com água, energia, gás de cozinha, combustível, remédios dentre outros. Embora, o serviço público tenha feito o que afirmou ser possível, através de ações desenvolvidas pelo Governo Federal, Estados e Municípios, tais como: a vacinação de forma gradativa, o auxílio emergencial, o valesgás, como também as taxas de energia foram pagas a algumas famílias que são cadastradas no Programa de Baixa Renda e distribuição de cestas básicas a comunidade escolar, assim como chips e tablets.

Ainda assim, houve muitas falhas, como a dificuldade de aquisição das vacinas, o desafio de aplicação em massa em um país com as dimensões do Brasil, o auxílio emergencial que nem todos conseguiram receber, a falta de leitos nos hospitais a desinformação de como tratar o vírus. Todos esses desafios deixaram inúmeros brasileiros em situação de vulnerabilidade.

A COVID-19 tensionou todas as áreas sociais de atendimento do poder público. Com isso, ficaram mais evidentes os desafios das ações desenvolvidas no campo da saúde, educação, moradia, emprego e renda. No entanto, a população carente sentiu ou sente, o impacto maior da consequência negativa da pandemia porque o acesso aos lugares já citados sertão, cidades interioranas, periferias foi mais difícil o que atrasou a chegada de ajuda, intensificou o desemprego e conseqüentemente a fome aumentou. Nesse sentido, destacamos a relevância dos pesquisadores investigarem o agravamento da desigualdade social, possibilitando a compreensão do desnivelamento social do brasileiro, principalmente no que tange à educação.

Em consonância com o assunto já citado a educação nesse período de pandemia, teve que organizar o cronograma letivo no ano de 2019, reestruturar as propostas pedagógicas, para finalizar o ano escolar em vigência, por consequência da infecção viral no nosso país, deixando as crianças, os adolescentes e adultos impossibilitados de frequentar a escola e a universidade. É importante enfatizar que no referido período, as pessoas adaptaram-se a novos comportamentos específicos, como o isolamento social. Os ambientes escolares, onde se fortalecem a aprendizagem contínua, as relações de amizade, companheirismo, como também os alunos tinham acesso a horários de alimentação, ficaram esvaziados, por questões de segurança e orientações dos órgãos competentes da saúde e educação.

O país de modo geral passou a ser regido por decretos que normatizaram os funcionamentos ou não, de alguns espaços de trabalho e convivência, classificados como essenciais ou não essenciais. Logo, os empregos formais e não formais foram afetados, com isso a dificuldade de sobrevivência das famílias ampliaram com o aumento do desemprego e as escolas passaram a funcionar de forma remota. A merenda escolar passou a ser distribuída em kits alimentares, insuficientes para as famílias com alunos matriculados na rede pública, que sofriam com a impossibilidade de trabalhar.

O fato de um dos autores ser professor da rede pública do município de Maranguape e atuar como diretor da Escola Municipal Zilda de Barros de Medeiros, situada no distrito de Lages pertencente ao referido município, entre os anos 2017 até início de 2021 permitiu testemunhar o desespero da comunidade escolar, mais especificamente dos pais, pedindo

constantemente ajuda de qualquer natureza, seja ela uma palavra de acalento para prosseguir, como também solicitavam alimentos, mesmo o município tendo um cronograma de distribuição de alimentos nas escolas.

O núcleo gestor pode perceber que as famílias que mais dependiam desse tipo de ajuda apresentavam precariedade no acompanhamento das atividades escolares de seus filhos, por diversos fatores, tais como: a falta de conhecimento dos pais, desemprego, desequilíbrio emocional, falta de acesso à internet, que implicaram na estrutura familiar.

Isso ilustra a vulnerabilidade social, que tem aumentado consideravelmente com a presença da fome no território brasileiro. Em uma publicação do Jornal Folha de São Paulo (2021) realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Sobrevivência Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) vemos que: “A fome atingiu 19 milhões de brasileiros na pandemia em 2020. Eles estão entre as 116,8 milhões de pessoas que conviveram com algum grau de insegurança alimentar no Brasil nos últimos meses do ano [...]”.

Seguindo por essa linha Cançado, Souza e Cardoso (2014) nos apresentam que a vulnerabilidade social é “inovadora” diante de como saber conduzir as diversas “situações” de desigualdade, que atenua a sociedade com menos oportunidade de permear os espaços de direito. Desta forma, abrem-se momentos de discussões tendo em vista, a superação dos agravantes ocorridos pela sociedade moderna.

As acepções acima, levam a compreensão de “algo” ou “alguém” que pode ser envolvido em situações de riscos de forma voluntária ou involuntária, que podem ser afetadas negativamente nas áreas sociais e emocionais. A realidade educativa que do Brasil nos dois últimos anos, afetam diretamente o plano educacional do país, com crianças e adolescentes fora do ambiente escolar, que em algumas situações estudam sozinhos, ou são acompanhados por alguém que tenha domínio de conhecimento tecnológico, literário, cálculos dentre outros. Com esse contraponto ao ensino presencial também são assistidos os alunos que não têm acesso à internet, com agenda para receber as atividades impressas, tendo um tempo considerável para devolvê-las, resolvidas.

Em uma publicação ao site Nova Escola (2021), o professor Mozart Neves Ramos, membro do Conselho Nacional de Educação, apresenta características negativas do período de isolamento social para as instituições escolares: “A forma de acesso ao ensino remoto, pelo seu caráter emergencial, foi muito irregular. Com isso, as desigualdades que já existiam se aprofundaram”. O mesmo também faz sugestões de melhoria para o ensino no Brasil, tendo em vista recuperar os danos ocorridos, teríamos que abordar o ensino-aprendizagem de acordo com

a realidade das escolas, focando no que é fundamental para a aprendizagem na atualidade (RAMOS, 2021). Atento às consequências das medidas relativas a COVID-19, o pesquisador apresenta a seguinte proposta: “poderia ser criado um observatório nacional de aprendizagem, abandono e desigualdade. Ele reuniria pesquisas e avaliações diagnósticas que ajudassem a monitorar os impactos da pandemia, e teria um espaço de troca de experiências exitosas entre os municípios e estados para recuperar a aprendizagem”.

Consideramos que todas as vivências durante a pandemia, tenham se consolidado como uma grande aprendizagem, principalmente quando trata-se de vulnerabilidade social e aprendizagem. O modo como os alunos foram imbuídos de forma involuntária no ensino remoto, apresentam inúmeras experiências de vidas ao relatar como se procedeu os estudos na pandemia.

Assim, percebemos o quanto as instituições de ensino ainda abordam os conteúdos de forma desconectada do contexto de vida e das experiências dos alunos. Isso faz com que muito não se identifiquem com o que é ensinado. Por essa razão, apresentamos a proposta de trabalho com histórias de vida, conhecer as experiências dos escolares pode ajudar a construir um processo de mediação mais significativo e como consequência viabilizar as aprendizagens.

4 HISTÓRIA DE VIDA: UMA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA

Todos nós temos uma história para contar. Cada um de nós carregamos dessas histórias dores, feridas, cicatrizes, alegrias, contentamentos, amarguras, doçuras, prazeres, angústias. Nossas histórias não são lineares, mas marcadas por avanços e recuos, conquistas e reveses. Muitos temos nossas histórias silenciadas por diversos fatores. Somos silenciados pela cor de nossa pele, pela religião que professamos, por questões de gênero ou por vivermos à margem, esquecidos, como se não tivéssemos nada a contar, nada com o que contribuir. Assim, é a vida de muitos jovens que experimentam situações de vulnerabilidade, conforme discorremos anteriormente. Jovens muitas vezes esquecidos por um sistema falho e negligente.

Acreditamos que por meio da história de vida é possível colocar esses jovens em situações de vulnerabilidade como sujeitos conhecedores de suas próprias histórias. Quando conhecemos nossas histórias e tomamos consciência dela, podemos romper caminhos para o nosso desenvolvimento pessoal. Ademais, conhecer a história de vida dos alunos permite contextualizar o conteúdo por intermédio de situações reais, evitando a artificialidade do ensino.

Josso (1999) diz que as histórias de vida se tornaram um material de pesquisa muito utilizado nas ciências humanas. Segundo ela, não há um simpósio, colóquio ou encontro científico em que esse tipo de metodologia não esteja presente.

A história de vida é uma narrativa, um relato de vida feito por quem a vivenciou. Sua abordagem é qualitativa (abordagens biográficas), pois, conforme pressupõe Gil (2010) esse tipo de abordagem responde a questões particulares, sua preocupação está nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Historicamente a obra pioneira a utilizar o método da história de vida foi a dos sociólogos W. I. Thomas e F. Znaniecki, no trabalho intitulado “The Polish Peasant in Europe and América” (1918), tendo como tema central o processo de organização e reorganização dos poloneses ao se integrarem à cultura americana. O estudo se desenvolveu pautado em trabalho de campo, onde foram colhidos relatos biográficos, análise de documentos e de cartas, buscando por meio do método de história de vida, a compreensão e a interpretação desses emigrantes a partir da significação subjetiva que os sujeitos denotavam às suas ações. (BARROS, 2000, apud, SILVA et al, 2007).

Spindola e Santos (2003) destacam que a utilização da história de vida como abordagem metodológica vem evoluindo continuamente. Desde 1920 foi introduzida no meio acadêmico pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia. Desde a década de 1960, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais. As autoras historicizam que:

O termo História de Vida, traduzido de *historie* (em francês) e de *story* e *history* (em inglês), tem significados distintos. O sociólogo americano Denzin propôs, em 1970, a distinção das terminologias: *life story* (a estória ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Quanto à *life history* (ou estudo de caso clínico), compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo (p. 121).

Desse modo, compreendemos que nas histórias de vida o sujeito que as narra assume o controle da narrativa, ele, o próprio narrador é o sujeito detentor do saber. É o centro da pesquisa, do processo, do método. Por isso, acreditamos que essa é uma importante metodologia

a ser realizada com jovens em situação de vulnerabilidade social, pois é um método que possibilita dar voz àqueles a quem ela foi negada.

Destacamos, entretanto, que para que esses jovens se sentam à vontade para abrir os livros de suas vidas numa proposta didática (que pode se realizar em sala de aula ou em grupos sociais), é importante que o mediador (que nesse caso pode ser também o professor) desperte nesse público um vínculo de confiança e assim possibilite aos jovens condições necessárias às suas narrativas pessoais. A esse respeito Silva et al (2007) afirmam que

A História de Vida é um método que tem como principal característica, justamente, a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito. Haguette (1992) sugere que o método de história de vida, dentro da metodologia de abordagem biográfica, relaciona duas perspectivas metodológicas intimamente, podendo ser aproveitado como documento ou como técnica de captação de dados. Acrescentamos, nas duas perspectivas, a produção de sentido – importante proposta da aplicação deste método. (p. 29).

Vale ressaltar que o professor/mediador não deve utilizar o método de história de vida para fazer juízo de valor ou para julgar, nem para analisar as particularidades de cada história, mas para acolher, dar voz a esse público silenciado, que teve poucas ou nenhuma oportunidade de contar sua história, de falar de suas lutas e dores e, na medida do possível, fazer algum encaminhamento (social, psicológico, terapêutico dentre outros) quando se fizer necessário.

Podemos apontar vários objetivos com a utilização da história de vida como proposta metodológica para jovens em situação de vulnerabilidade. Já falamos sobre dar oportunidade para que esses jovens falem, se expressem, relatem suas dores, abusos (emocionais, físicos, seja em que esfera for), mas os objetivos perpassam a fala ou a expressividade. Segundo Silva et al (2007), a experiência de relatar sua história de vida oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, (re)significando sua vida, implicando numa dimensão ética do estudo.

Nesse estudo o objetivo é bastante específico permitir que o jovem relate situações e contextos de aprendizagem para uso em sala de aula pelo mediador como forma de contextualizar o conteúdo.

Vivemos em um mundo tão agitado, praticamente no automático. Acordamos, fazemos o que temos que fazer pela manhã, à tarde e à noite. Cruzamos com um e com outro, perguntamos como estão e muitas vezes isso é feito apenas por costume e não com a intenção de interagir. As vezes o outro nem responde a nossa pergunta e já fazemos outra, ou muitas vezes não paramos para escutar a resposta daquele a quem perguntamos, as pessoas parecem

não ter paciência ou disposição para ouvir o próximo. “Falta” tempo e muitas vezes interesse de ouvir o outro e principalmente de falar sobre nós mesmos. É do mais jovem ao mais velho. Estamos todos sempre muito ocupados.

Assim sendo, oportunizar momentos de escuta através de uma proposta metodológica sobre história de vida, pode ser importantíssimo, seja em espaços sociais ou escolares, nesses tempos em que a escuta parece tão automática: ouço, mas não escuto e principalmente se tratando daqueles que vivem situações de vulnerabilidade.

A seguir, trazemos algumas propostas metodológicas para desenvolver com jovens em situações de vulnerabilidade social. As propostas podem e dever ser ajustadas a cada realidade e não precisam, necessariamente, ser realizadas na ordem em que apresentamos.

4.1 Queremos te ouvir: história de vida como proposta didática

Para a realização das propostas metodológicas que apresentaremos a seguir sugerimos a realização de algumas etapas, a saber: um momento de *preparação*, onde o professor/mediador explica aos jovens a proposta metodológica apresentando exemplos; uma etapa de *introdução*, na qual o professor/mediador explica como a proposta metodológica vai se realizar; seguindo da etapa de *produção*, onde eles produzirão o que for solicitado e, por fim, a *socialização*, quando partilharão suas produções.

Sugerimos ainda que para se desenvolver um clima de confiança entre professor/mediador e os jovens em situação de vulnerabilidade, o professor/mediador tome como exemplo sua própria história de vida, principalmente nas propostas de *linha do tempo*, *fotobiografia* e *história de minha vida-narrativa*. Acreditamos que os jovens poderão se sentir mais à vontade em contar suas histórias se o primeiro a fazer isso for o professor/mediador. Referimo-nos a *professor/mediador* por acreditarmos que essas propostas podem ser realizadas tanto em ambientes escolares como em ambientes de projetos sociais.

É importante evidenciar que o foco são as experiências de aprendizagem. Conforme anunciado o objetivo é coletar relatos sobre situações e contextos de aprendizagem para que posteriormente o professor possa usar em sala de aula pelo mediador como forma de contextualizar o conteúdo. A experiência não tem foco terapêutico, o que demandaria a mediação por profissional qualificado para lidar com as subjetividades desse público.

Teríamos então história de vida temáticas, uma vez que, direcionaríamos para as situações de aprendizagem em contextos formais ou não formais. Assim, na sequência

sugerimos algumas atividades que podem ser desenvolvidas pelos interessados nessa metodologia.

4.1.1 Linha Do Tempo

Essa linha do tempo deve conter os acontecimentos mais significativos (alegres ou tristes) da vida do jovem. Para a execução dessa proposta sugerimos como introdução que o professor/mediador apresente sua própria linha como exemplificação. É uma atividade que pode ser realizada utilizando folha de papel A4, cartolina, folha de papel madeira ou qualquer recurso similar.

Os jovens recebem as orientações do professor/mediador, veem a produção feita por ele e em seguida produzem suas linhas do tempo. Nessa etapa não há necessidade de exemplificar os acontecimentos detalhadamente, basta somente dar um título para cada ano destacado, partindo do ano de seu nascimento. Orienta-se ainda que os jovens podem destacar momentos com todos os anos desde o seu nascimento aos dias atuais ou os pontos que eles julgarem mais relevantes. É interessante que o professor/mediador estipule uma quantidade de acontecimentos para que eles não pontuem uma quantidade muito inferior ao desejado. Os alunos sejam instigados a correlacionar os eventos de sua vida pessoal com o contexto econômico, social, cultural ou político do país, para que perceba que sua história integra uma história mais ampla.

Segundo Goldberg e Bezerra (2012, p. 5) numa proposta pedagógica de Linha do Tempo “os estudantes são convocados a mergulharem em suas trajetórias de vida para resgatarem as vivências mais significativas, dando corpo e representação, tornando inteligível memórias, lembranças, sensações, momentos, atividades e traumas desse percurso”.

Após a realização da linha do tempo o professor/mediador abre o espaço para que cada jovem apresente sua produção em um momento de socialização.

4.1.2 Fotobiografia

Para a realização dessa proposta, sugerimos como etapa de preparação que o professor/mediador explique aos jovens de que modo a atividade ocorrerá. Ele explicará que dos acontecimentos da linha do tempo os jovens deverão escolher uma quantidade X (cada professor/mediador pode escolher a quantidade que julgar necessário. Sugerimos no mínimo 5) para representar por meio de fotografias.

O professor/mediador diz em que data os jovens deverão levar as fotografias. Caso os jovens não tenham condições financeiras para a impressão do material, o professor/mediador poderá ver as possibilidades junto a coordenação, seja da escola ou do grupo social. Sugerimos ainda a realização de bingos ou rifas para arrecadar o valor necessário à impressão das fotografias ou a proposição de uma apresentação em formato digital. Para essa confecção será necessário: as fotografias impressas, cola e algum suporte para fixar as fotografias. Sugerimos barbante, isopor, papel cartão, papelão, E.V.A (ou qualquer outro material que o professor/mediador tenha à sua disposição). Ou projetor de multimídia se a opção for pelo formato digital.

As fotobiografias não desprezam o verbal, mas é uma produção em que, segundo Bruno (2009) se prioriza e dá confiança ao trabalho das imagens. A autora destaca que esse trabalho com fotobiografias é um caminho traçado pela natureza da estética no qual se busca a narrativa de uma história de vida feita por imagens e palavras. “Importa-nos reconhecer que a natureza da estética possibilita reunir pequenos “pedaços” visuais de um tempo de vida, retomados pela memória, e associar, pelas formas, pelos signos, pela sequência de montagem compondo um panorama de história de vida” (BRUNO, 2009, p. 155).

Diante do exposto, os jovens produzirão suas fotobiografias e ao finalizar justificarão suas escolhas no momento de apresentação e socialização. Lembramos que o professor/mediador deverá ser o primeiro a apresentar o seu.

4.1.3 História de minha vida- narrativa

As histórias de vida, conforme vemos em Medeiros e Leandro (2013, p. 53), “permitem explicitar em sua totalidade a singularidade do ser e com ela perceber o universal que se encontra e constitui o homem, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões da vida e de nós mesmos”. Os autores elucidam que por meio das narrativas podemos compreender questões identitárias e existenciais por meio da interpretação e a reflexão do vivido.

Essa talvez seja a proposta metodológica mais desafiadora que trazemos, pois é o momento mais direto em que os jovens narrarão suas histórias. Diferente da linha do tempo, em que eles poderiam apenas citar etapas de suas vidas sem maiores detalhes, aqui eles os trarão com maior riqueza. Como preparação a esse momento sugerimos que o professor/mediador converse com os jovens sobre as etapas anteriores que eles já produziram e explique essa nova proposta, salientando a importância da produção escrita, elucidando a importância de

ressignificar os momentos frustrantes de suas vidas para alcançarem uma libertação emocional e reescrever suas histórias. O professor/mediador poderá estipular uma quantidade mínima de 5 páginas, mas deixar a máxima em aberto. Deverá ser solicitado aos jovens que eles narrem suas vidas pontuando acontecimentos que mais lhes marcaram positiva ou negativamente. Com destaque para contextos de aprendizagem, professores mais marcantes, metodologias de ensino ou estratégias que facilitaram o aprendizado.

Essa deverá ser uma proposta a ser desenvolvida extraclasse para que eles possam ter tempo e privacidade em sua escrita. As produções deverão ser entregues ao professor/mediador em uma data determinada para que ele leia cada uma e teça comentários motivadores nessas escritas. Ao ler todas, deverá escrever um texto motivador reflexivo destacando pontos de cada uma das histórias dos jovens que será lida por ele quando for entregar suas produções.

No dia da entrega, o professor/mediador deverá ler também sua produção escrita como um sinal de retribuição a confiança que os jovens tiveram em narrar e dividir suas histórias com ele. A socialização individual poderá acontecer de modo voluntário. Essa prática deverá ser estimulada pelo professor/mediador. Os jovens que quiserem poderão ler suas histórias.

4.1.4 Representação Artística

Para essa proposta sugerimos a divisão em grupos. Essa é uma etapa que requer maior tempo para preparação. O professor/mediador deverá explicar na etapa de preparação e introdução que ao formar grupos eles terão que selecionar narrativas relativa a histórias de vida de pessoas de outros grupos. Cada jovem deverá ler a história do colega e escolher um momento de sua preferência para representá-lo artisticamente.

Essa representação artística poderá ser de diversas formas, a depender da escolha do grupo: por meio de desenho, poesia, monólogo, paródia, cordel, dramatização. A escolha é livre.

Vemos em Küller e Rodrigo (2012) que “música, poesia, cinema, vídeo, pintura, fotografia, texto literário, dança, teatro, improvisação dramática encorajam a expressão de todos. Podem ainda instigar, impactar, surpreender, sair do previsível, do lugar comum, retirando as referências da convenção e do usual” (p. 9). Desse modo, sugerimos que o professor/mediador deixe os alunos à vontade para fazer suas representações. Acreditamos que essa proposta metodológica poderá deixar o momento mais rico e criativo.

O professor/mediador deverá auxiliar nos roteiros e orientar as produções, se possível em parceria com outros professores. Essa última atividade será o momento de culminância, por isso sugerimos que seja a última etapa. O professor/mediador deve orientar que os jovens sejam

criativos em suas produções, podendo fazer confecção de cenário e figurino. Os grupos representarão algum momento da vida do colega que envolva uma situação de aprendizagem com todo cuidado e respeito. O professor/mediador deverá estar a par de cada uma das propostas dos jovens. O momento de socialização poderá ser somente entre eles ou aberto a algum tipo de público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar a história de vida como uma estratégia metodológica para ser trabalhada com jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade. Inicialmente apresentamos uma discussão sobre vulnerabilidade social, apresentando conceitos apresentados pela UNESCO, BID e por pesquisadores da área. Fizemos ainda apontamentos sobre essa vulnerabilidade no tocante ao atual contexto de pandemia ocasionada pela COVID-19, destacando um crescimento considerável dessa vulnerabilidade. Seguindo, discutimos sobre história de vida como estratégia metodológica, destacando sua relevância na pesquisa tendo como sujeitos, jovens em situação de vulnerabilidade, uma vez que é uma opção que possibilita voz àqueles a quem ela foi negada.

Por fim, apresentamos uma proposta metodológica utilizando o método de história de vida que pode ser realizado em projetos sociais e/ou escolas, por mediadores e/ou professores. A proposta é apresentada em quatro etapas, sendo: *linha do tempo*, *fotobiografia*, *história de vida narrativa e representação artística*, as quais possuem foco nas experiências de aprendizagem, uma vez que nosso objetivo é coletar relatos sobre situações e contextos de aprendizagem para que posteriormente o professor/mediador possa usar em sala de aula como forma de contextualizar o conteúdo.

Vale destacar mais uma vez que o foco de nossa proposta metodológica não é terapêutico, ação que demandaria a mediação de um profissional qualificado para lidar com as subjetividades do público já mencionado.

Acreditamos que o método de história de vida é uma ferramenta que traz muitas possibilidades aos pesquisadores e sujeitos uma vez que ela permite um trabalho de reconstrução, deslocamento, contextualização e expressividade. Além de propiciar aos mediadores subsídios para abordarem os conteúdos escolares de forma mais contextualizada e significativa para o público-alvo.

Como pontuamos, os jovens em situação de vulnerabilidade têm suas histórias silenciadas. Jovens muitas vezes esquecidos por um sistema falho e negligente.

Acreditamos que nossa pesquisa nos permitiu perceber que por meio da história de vida é possível colocar esses jovens como sujeitos conhecedores de suas próprias histórias, que podem criar caminhos para seu desenvolvimento pessoal e como destacamos anteriormente, conhecer a história de vida dos alunos permite contextualizar o conteúdo através de situações vivenciadas e assim, tornar o conteúdo mais próximo e significativo para o aprendiz.

REFERÊNCIAS

AMBROMOWAY, M., et al. **Juventude, violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO/BID, 2002.

BRUNO, F. **Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia**. 2009. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Caderno de Saúde Pública**, 2018.

CANÇADO, T. C. L.; SOUZA, R. S.; CARDOSO, C. B. S. **Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social**. Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo, ABEP, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Fome atinge 19 milhões de brasileiros durante a pandemia em 2020**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/fome-atinge-19-milhoes-de-brasileiros-durante-a-pandemia-em-2020.shtml>>. Data de acesso: 08 de out. De 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDBERG, L. G; BEZERRA, L. R. Linha do tempo: narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 12., 29 out.-02 nov. 2012. São Paulo (SP). **Anais**. São Paulo (SP): UNESP, 2012.

JOSSO, M. C. História de Vida e Projeto: a História de Vida como Projeto e as 'Histórias De Vida' a Serviço de Projetos. **Educação e Pesquisa**, 25, n. 2 (1999): 11–23. doi:10.1590/S1517-97021999000200002.

KÜLLER, J.A; DE FÁTIMA R.N. Uma metodologia de desenvolvimento de competências. **Boletim Técnico do Senac**, v. 38, n. 1, p. 6-15, 2012.

MEDEIROS, E. A.; LEANDRO, A. L. A. L. Histórias de vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer. **QUIPUS** - ISSN 2237-8987, v. 2, n. 2, p. 51-62, 22 ago. 2013.

RAMOS, M. N. **Gestão escolar**: Os impactos da pandemia e a reorganização da escola. Disponível em: <https://www.novaescola.org.br/conteudo/20408/gestao-escolar-os-impactos-da-pandemia-e-a-reorganizacao-da-escola>>. Data de acesso: 10 de out. De 2021.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico**: Estudos em Psicologia. Belo Horizonte, Brasil, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. 2003, v. 37, n. 2 [Acessado 12 nov. 2021], pp. 119-126. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>>. Epub 04 Dez 2008. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>.

TOLEDO, C. de A. A. de. GONZAGA, M.T.C. (Orgs.) **Metodologia e técnicas de pesquisa**: nas áreas de Ciências Humanas. Maringá: Eduem, 2011.

Recebido em: 23/11/2021

Aprovado em: 28/12/2021